

# O êxito escolar das meninas em Quebec

## O surgimento de uma nova ideologia de sexo ou o discurso da usurpação

O Centro de Pesquisa e Ação sobre o Êxito Escolar (Centre de recherche et d'intervention sur la réussite scolaire), de que participo, além do Grupo de Pesquisa Multidisciplinar Feminista (Groupe de recherche multidisciplinaire féministe), é um centro de pesquisa acadêmica baseado na colaboração entre a Université Laval e a Central do Ensino de Quebec (Centrale de l'enseignement du Québec). Este órgão sindical agrupa a grande maioria dos professores e professoras de Quebec em nível elementar e secundário. O Centro dá prioridade à pesquisa sobre temas ligados a: 1) a compreensão do fenômeno do êxito e suas dimensões negativas, que são o fracasso e o abandono escolares; 2) o estudo dos fatores que estão associados a isso; e 3) a ação eficaz nesse campo.

A equipe que dirijo está vinculada à linha Relações Sociais e Êxito Escolar. Nossas preocupações de pesquisa se referem principalmente às relações sociais de sexo. Desde há dois anos, estamos trabalhando num projeto que trata do Êxito Escolar e a Socialização Segundo o Sexo. Tem o objetivo de estabelecer e explicar os vínculos entre, de um lado, o êxito escolar no secundário (ou o fracasso escolar) e, de outro, a maior ou menor adesão aos modelos sexuais construídos socialmente. Inspiramo-nos numa abordagem construtivista e interacionista das relações sociais de sexo e classe social. Procuramos identificar as práticas e estratégias de êxito escolar usadas pelas meninas como modelos de mudança.

Efetivamente, desde o início dos anos 90, uma nova tomada de consciência, se não for uma crise, sacode os meios educacionais na província de Quebec: as meninas têm muito melhores resultados que os rapazes nos estudos e chegam em maior número aos cursos superiores. Para definir essa situação, vejamos rapidamente alguns exemplos segundo o sexo, reunindo os diversos níveis de ensino.

Na escola primária, onde o ensino normalmente dura seis anos, desde 1980 os meninos são 60% mais numerosos que as meninas nos atrasos

escolares e a repetência se encontra entre eles de maneira mais precoce<sup>1</sup>. As mesmas estatísticas nos mostram que o fato de repetir no primário quadruplica os riscos de não vir a terminar o secundário.

Na escola secundária, com duração prevista de cinco anos e com acesso generalizado para o conjunto da população, o índice de probabilidade de abandono escolar, no setor que trata especificamente dos jovens, indica em 1993 uma prevalência superior de 50% entre os rapazes em relação às meninas (Ministério da Educação de Quebec, 1993). Essa diferença está aumentando desde 1975-76. No sentido inverso, as meninas conseguem melhores resultados em língua materna e em segunda língua, se formam em maior número e mais jovens, e isso apesar das gravidezes na adolescência, que vêm aumentar os índices de abandono.

O nível colegial é intermediário entre o secundário e a universidade e dura de dois a três anos, dependendo das opções. As meninas entram para ele numa proporção de 71%, enquanto entre os rapazes esse índice está situado em 55%, uma diferença que não pára de aumentar desde o início dos anos 80. As diferenças de desempenho segundo o sexo se confirmam de diversas maneiras: a idade de entrada no curso, os resultados escolares, o índice de aprovação dos cursos na primeira época, a duração média dos estudos e o índice de diplomação. Mais ainda, a diferença a favor das meninas se mantém com êxito igual no secundário.

Nas universidades do Quebec, a proporção de mulheres entre a população estudantil passou de 20% em 1960 a 57% em 1992. As inscrições femininas são superiores em cerca de 12% no primeiro ciclo, mais ou menos iguais no segundo ciclo e seu número ultrapassa os 30% no terceiro ciclo. Os melhores resultados escolares das moças lhes permitem matricular-se em maior proporção nos programas de vagas limitadas.

Em compensação, a canalização por cursos e por sexo já vem funcionando no colegial e prossegue no meio universitário. Mesmo se há um progresso pelo lado das moças, permanece a divisão tradicional das matérias estudadas: na universidade, por exemplo, os rapazes escolhem raramente ou nunca as ciências da Saúde ou as da Educação; já as moças estão pouco presentes em ciências puras ou Engenharia.

Vários dados nessa mesma direção já vêm se acumulando há algum tempo e confirmam os primeiros. Disputas extremamente importantes estão na base dos discursos em torno desse debate, num contexto em que todos os ganhos das mulheres podem ser cotidianamente questionados outra vez.

O objetivo deste trabalho é ilustrar, por meio de uma análise dos discursos sociais de Quebec sobre o maior êxito escolar das meninas (e portanto sobre o desempenho mais fraco ou a menor perseverança dos meninos), a implantação de uma nova ideologia de sexo (termo que tomo

<sup>1</sup> BRAIS, Y.. *Retard Scolaire au Primaire et Poursuite des Études*. Quebec: MEQ, 1992.

emprestado a Matthieu) no mundo da educação. Esta repousa principalmente na imagem de meninos feridos em sua identidade por um sistema escolar que dá vantagens às meninas, e no qual eles se encontram sem figura de identificação masculina no primário, origem de suas dificuldades escolares. A identidade de que se trata teria origem em determinantes biológicos que teriam como efeito fazer ressaltar o lado “naturalmente” mais ativo e agressivo dos meninos na escola, fato que o lugar feminilizado não comprehende nem tolera.

Falo de uma nova ideologia de sexo no sentido de que há apenas quinze anos, como dizia Nicole-Claude Matthieu em sua análise do discurso científico, apenas as mulheres eram “biologicamente naturais”<sup>2</sup>. O principal argumento mobilizador nessa ideologia consiste em desenvolver a idéia de que os homens, a partir de sua identidade masculina, se tornaram por sua vez as “vítimas” discriminadas do sistema escolar.

Certos elementos dos discursos que serão apresentados constituem de certo modo uma resposta dos homens às mulheres diante do acesso relativamente mais geral destas à educação. Essa resposta repousa na idéia de usurpação: é dado a entender que as moças avançam em um domínio onde até então os rapazes tinham vantagem, e continuariam tendo, se não tivessem sido “vítimas” de uma espécie de discriminação. É como se o maior êxito escolar das meninas fosse ilegítimo.

Já está claro que não é a discussão dos pontos de vista peculiares a cada um que será tratada neste trabalho, mas sim os fundamentos ideológicos do discurso social masculinista.

### **Algumas palavras sobre o conceito de ideologia**

Para fazer esta análise, não vou escolher a definição de ideologia usada pelos grupos oprimidos que, numa perspectiva de transformação social, fazem prevalecer o caráter engajado de suas crenças relativas à ordem política. O que me interessa é antes a elucidação dos efeitos de dominação ligados com o exercício do poder pelas categorias hegemônicas da sociedade. Vou fazer referência às dimensões epistemológica e política da ideologia, ou seja, à legitimação das representações mentais relativas à manutenção da ordem sócio-política de que decorre, nas relações de poder, sua utilização a fim de estigmatizar o adversário.

Nessa ordem de idéias, a ideologia serve para valorizar aquilo que tem utilidade estratégica do ponto de vista dominante. Ficam inevitavelmente sem menção visões que poderiam enfraquecer o alcance daquela que é transmitida, assim como se impõe ao campo adversário a responsabilidade pelos problemas que surgem. Para compreender a utilização política da

---

<sup>2</sup> MATHIEU, Nicole-Claude. *L'Anatomie Politique. Catégorisations et idéologies de sexe*. Paris: Editions Côté-femmes, 1991.

Ideologia e os discursos que a alimentam, é importante saber a partir de onde falam os atores sociais.

Esse aspecto metodológico reúne-se com a dimensão epistemológica. Efetivamente, a ideologia tenta impor representações do real que estão em acordo com os princípios fundamentais dos grupos que a produzem. Esses sistemas de representações não são simples superposições de estereótipos, mesmo se às vezes estão muito próximos disso. As ideologias supõem um trabalho de explicação teórica e doutrinária. Como observa Braud:

"Ideologias e doutrinas são fruto de um trabalho especializado. São elaboradas ou formuladas por indivíduos que têm um capital cultural elevado e uma autoridade legítima reconhecida: por exemplo, intelectuais consagrados, jornalistas influentes, dirigentes de movimentos representativos etc. Sobretudo, certos atores sociais estão em situação privilegiada para impor seus sistemas de representações e crenças porque controlam ou, pelo menos, exercem particular influência nas instâncias de socialização como a Escola, as organizações religiosas ou políticas, a mídia.

As crenças: valores, construções doutrinárias, teorias sociais..., desenvolvem-se então inicialmente no seio de meios restritos. Elas só podem se impor no conjunto de um grupo social ou no conjunto da sociedade ao termo de um processo de inculcação cuja eficácia é condicionada por dois fatores:

- a racionalização em termos gerais e universais de exigências particulares próprias ao meio que as viu nascer... (para os intelectuais, isso significa o acesso e o controle ao Saber legítimo e a sua definição);

- a difusão hegemônica dessas crenças graças a instituições que praticam de fato a exclusão ou, pelo menos, a desvalorização de crenças adversas. São propostas em nome da Razão ou da Ciência mas, na realidade, só a existência de uma relação de forças intelectual, cultural, até mesmo disciplinar, permite, na prática, essa exclusão..."<sup>3</sup>.

### **De onde se origina o discurso?**

Algumas palavras, em primeiro lugar, para apresentar as organizações e pessoas de onde se origina o discurso analisado. Trata-se na verdade de instituições educativas de primeiro plano, entre as quais o Conselho Superior de Educação, órgão de aconselhamento que intervém diretamente junto ao Ministério da Educação para orientar as políticas educativas, do próprio Ministério da Educação através de sua revista *Vie Pédagogique*, da direção das admissões da Universidade de Montreal, da direção do colegial do Serviço Regional das Admissões de Montreal, de psicólogos, neuropsicólogos, pedopsiquiatras e sexólogos, a maior parte dos quais são professores de universidade ou estão ligados a instituições reconhecidas.

<sup>3</sup> BRAUD, Philippe. *Sociologie Politique*. Paris: LGDJ, 1992, p. 161.

A imprensa escrita é veículo do debate segundo um *pattern* bastante estandardizado de um artigo para o outro. Primeiro ela se inspira nas preocupações expressas pelos altos funcionários do meio da educação em relação à ausência dos rapazes nos cursos superiores<sup>4</sup> para depois interrogar os acadêmicos das diversas disciplinas a respeito da situação. O próprio presidente do Conselho Superior de Educação abriu caminho em 1992 para essa maneira de colocar o problema : "Os meninos procuram em vão no primário, diz ele, figuras de identificação masculina em um universo em sua grande maioria feminino". A questão da identificação, e portanto da identidade masculina, estava colocada. A imprensa cita abundantemente esses especialistas para dar a conhecer um argumento de autoridade: a identidade masculina provém de atributos biológicos inatos e incontornáveis. Integra-se também no debate como autora, trazendo a contribuição de seus jornalistas, replicando ela mesma a certas tomadas de posição ou citando para sustentá-las trechos do volume de Badinter. Escolhe todos os títulos de artigos. Se o gesto parece anódino, seus efeitos ideológicos, no entanto, são consideráveis. Que se julgue pelo universo de representações criado: "Piedade para os meninos: uma geração castrada", "Será que os meninos têm chances iguais de ter êxito na escola?", "A ascensão fulgurante das moças nos cursos pós-secundários esconde a desorientação masculina", "Escola, coisa de meninas", "O sexo do êxito", "Os cromossomas do sucesso", "A fabricação de idiotas".

Essa imprensa se dirige principalmente a um público escolarizado e aos intelectuais. Veicula também afirmações de intelectuais. O jornal *Le Devoir* foi o principal porta-voz desse discurso masculinista; um dossier bastante volumoso também saiu na revista de ampla difusão *L'Actualité* e outro no diário *La Presse* por ocasião do 8 de março. Note-se também, e isso não é acessório, que todos os altos funcionários dos meios educacionais e a imensa maioria dos especialistas citados (cerca de dez) são do sexo masculino. Com exceção de minhas colegas Diane Veillette<sup>5</sup> e Jean-Claude St-Amant<sup>6</sup> ou eu mesma, nenhuma voz divergente veio perturbar a (re)construção dessa ideologia de sexo.

Já podemos constatar a concordância entre a descrição dada por Braud do processo de elaboração ideológica e as informações reunidas sobre as organizações e as pessoas de onde se origina o discurso. "As ideologias são resultado de um trabalho especializado, dizia-nos ele; são elaboradas por

<sup>4</sup> Foi em termos de "falta" que o secretário geral do SRAM, citado em *La Presse*, abriu a conferência onde fomos convidadas a apresentar nossos trabalhos de pesquisa, no outono de 1992: "Faltam-nos X rapazes no colegial desde...".

<sup>5</sup> VEILLETTE, Diane. Les Chromosomes à Succès. La différence de comportement entre les filles et les garçons tient de l'apprentissage social plutôt que du facteur biologique. *Le Devoir*, Montreal, 03/04/1994.

<sup>6</sup> BOUCHARD, Pierrette, ST-AMANT, Jean-Claude. Le Sexe de la Réussite. La culture masculine est contraire à l'acquisition des valeurs nécessaires pour réussir à l'école. *Le Devoir*, Montreal, 06/03/1994.

indivíduos que têm um capital cultural elevado e uma autoridade legítima “reconhecida”; esse retrato corresponde totalmente a nossa população. Note-se também sua observação sobre o fato de que “esses atores sociais estão em situação privilegiada para impor seus sistemas de representações porque controlam ou, pelo menos, exercem uma particular influência sobre a Escola e a mídia”. Temos portanto a configuração do lugar “a partir do qual falam esses atores sociais”.

### **Análise do discurso da usurpação**

A análise do discurso da usurpação repousará sobre os cinco componentes internos da ideologia, ou seja: 1. que as moças estão invadindo um domínio até então reservado aos homens; 2. que estes são “vítimas” de um sistema escolar que agride sua identidade e não lhes propõe, ou muito pouco, figuras de identificação masculina em um momento crucial de seu encaminhamento escolar; 3. que sua “natureza” os leva a ser mais ativos, agressivos e controladores, o que não é permitido pela cultura escolar; 4. que o desconhecimento e a desqualificação da expressão masculina “instintiva” se devem ao feminismo; 5. e que se deve intervir para restabelecer essa situação.

Vejamos agora alguns argumentos reveladores para sustentar essa análise. Não sou especialista em linguagem, mas me parece importante escutar, quando das citações, as palavras que são utilizadas para sustentar a idéia de usurpação.

#### **1 As moças estão invadindo um domínio até então reservado aos homens**

As meninas têm melhores resultados na escola, mas seu êxito seria ilegítimo. Deixa-se entender que as meninas são beneficiadas com todo tipo de desculpas e que o lugar que têm se deve unicamente a razões diversas de seu próprio investimento escolar. Seriam favorecidas por um preconceito social favorável em relação a elas, ou beneficiárias de uma escola que se tornou feminilizada; ou, ainda, teriam a vantagem de sua servilidade ao se dobrarem às regras da vida escolar. Assim, as meninas não teriam pleno direito a seu lugar.

Segundo a revista *L'Actualité*, agora tudo é para as meninas. “Os gestos delas são notados, aplaudidos, em toda parte”. Tudo lhes é permitido (até mesmo desvios de linguagem e de comportamento) e agora tudo é possível para elas. “Pedem-lhes, **suplicam-lhes** até, que sigam carreiras científicas, que sejam pilotos de avião, bombeiros ou policiais”. Elas é que são agora incentivadas a explorar e descobrir. Todas as portas **se abrem diante delas**”. Nas universidades, formam mais de 50% da clientela a tempo integral. São beneficiadas por uma **desculpa** histórica... e por uma simpatia social sem limite”, pretende o sexólogo Munger nessa mesma revista. Para o jornalista Louis Lafrance, em seu artigo para o jornal *Le Devoir* a respeito do “mal-estar

dos meninos na escola”<sup>7</sup>, tudo se explica porque “faz vinte anos que o foco está posto na luta contra a discriminação que se faz contra as meninas”. Munger, em outro artigo publicado em *Le Devoir*, escreve que “estas últimas décadas foram marcadas por uma vontade cada vez mais forte de **calçar o caminho** para as meninas em direção ao êxito acadêmico sem ter que adotar valores masculinos”<sup>8</sup>. Segundo ele, os meninos doravante são obrigados a “freqüentar escolas cada vez mais concebidas em função da melhoria do destino das moças, segundo políticas pensadas para resolver iniquidades que muitas vezes dependiam de outra época econômica”.

Em *La Presse*, Charles E. Caouette, professor de Psicologia Educacional na Universidade de Montreal, acrescenta: “O estilo da organização acadêmica favorece as moças. Elas são mais dóceis, têm cadernos mais limpos e atrapalham menos. Os rapazes têm uma abordagem menos requintada e a pedagogia faz apelo ao requinte. Os rapazes contestam mais”. Eles aceitam menos as regras do jogo. Segundo a revista do Ministério da Educação, *Vie Pédagogique*, “O modo de funcionamento da escola convém mais às características das moças que às dos rapazes”. Outro psicólogo e professor na Universidade de Montreal, Michel Claes, considera que “a escola é um lugar de aprendizado da conformidade e da docilidade, e isso adere melhor ao universo feminino”. Em outro lugar, o psicólogo C. E. Caouette é citado pra dizer que “A escola é um universo feminino” e que “as moças se habituam melhor a ela” porque ela “exige conformismo, disciplina e minúcia”.

Acabamos de ver o que se deixa entender a respeito do melhor desempenho escolar das meninas: que elas aproveitaram o clima de simpatia geral em relação a elas. As meninas, se entendemos bem esse discurso, foram beneficiadas por um tratamento de favor. Percebe-se também que as explicações em termos de docilidade servem para alimentar o discurso da usurpação. Mais uma vez, é como se seu êxito se devesse ou a uma lacuna qualquer que caracterize sua “natureza” feminina ou a razões exteriores a seu próprio investimento escolar. Aí se trata realmente de um aspecto do discurso da usurpação. Mas está também ligado ao seguinte, ou seja, que os homens estariam na escola em maior número se não tivessem sido feridos por ela. Vejamos mais de perto essa argumentação.

## 2 As novas “vítimas” do sistema escolar

Segundo a revista *L'Actualité*, os rapazes são chamados para “tocar os segundos violinos”. “Ser um garoto é ser completamente *out* hoje em dia”. As meninas são a encarnação viva do melhor dos mundos, enquanto os

<sup>7</sup> LAFRANCE, Louis. *Etre Garçon et Fréquenter l'École. Notes plus faibles et décrochage plus fréquent caractérisent le malaise masculin à l'école*. *Le Devoir*. Montreal, 22/02/1994.

<sup>8</sup> MUNGER, Placide. *La Fabrication des Idiots. Oui ou non, les meilleures performances des filles à l'école relèvent-elles de leur socialisation et n'ont-elles rien à voir avec une quelconque source chromosomique?* *Le Devoir*. Montreal, 02/05/1994.

meninos seriam os **herdeiros culpados** de séculos de guerra e destruição. Para *L'Actualité*, em nossos dias já não é mais interessante ser homem. Não há interesse para os rapazes em perseverar no estudo, pois não há utilidade social valorizadora para eles. Eles não estão mais interessados em investir tempo e energia para se preparar para desempenhar um papel que não existe mais". Em *Le Devoir* de 22 de fevereiro, Michel Perron "indica precisamente a confusão da identidade masculina em Quebec, onde há muito poucos modelos positivos masculinos veiculados".

O diretor das admissões na Universidade de Montreal, Fernand Boucher, fala (*La Presse*) de um desequilíbrio criado voluntariamente contra os rapazes: "Antigamente, não se dava lugar para as moças; atualmente, os rapazes são **postos para fora...** Que vai ser deles?" Considerando o destino que se dá aos rapazes, "o processo de compensação das mulheres" teve apenas, segundo ele, "aparência de igualdade". No artigo de Isabelle Paré<sup>9</sup> é o Conselho Superior da Educação que se preocupa com a diferença que não pára de crescer, embora tenha o cuidado de acrescentar que o êxito feminino não é ameaçador.

Em *Vie Pédagogique*, o psicólogo C. E. Caouette sustenta que "exigir calma e posição sentada sem se mexer, dar principalmente explicações e instruções verbais, dar mais importância ao trabalho cuidadoso, banir qualquer forma de competição são ações que favorecem as meninas e acentuam as dificuldades dos meninos".

Para as professoras entrevistadas por *Vie Pédagogique*, "não há dúvida de que os comportamentos dos meninos e das meninas na escola são extremamente diferentes e que os comportamentos das meninas são mais apropriados ao contexto escolar e às atividades de aprendizagem que nela se propõem".

Segundo o sexólogo P. Munger, a questão das dificuldades escolares dos meninos se coloca "inevitavelmente, com um pano de fundo feminino ou masculino que faz aparecer uma evidência gritante. Aqueles e aquelas que dominaram as regras do jogo escolar o suficiente para se tornar especialistas em educação serão levados a dizer a respeito daqueles que fracassam que seu erro foi não ter seguido suficientemente o código do meio que é, no caso aqui, feminino".

Para L. Lafrance<sup>10</sup>, do jornal *Le Devoir*, "Tudo começa no primário"! Em *La Presse*, Caouette lembra que: "Quando se tem um início ruim no primário, isso se perpetua". Os meninos estão menos interessados pela escola e nela se aborrecem. Para o presidente do Conselho Superior de Educação, Robert BisAILLON<sup>11</sup>, é porque "na escolinha, os garotos têm modelos quase

<sup>9</sup> PARÉ, Isabelle. La Désaffection des Garçons Inquiète le Conseil Supérieur. La montée fulgurante des filles aux études postsecondaires cache la déroute masculine. *Le Devoir*, Montreal, 05/03/1992.

<sup>10</sup> LAFRANCE, Louis. Le Facteur Biologique. *Le Devoir* Montreal, 06/03/1994. -

<sup>11</sup> BISAILLON, Robert. La Réussite Éducative de Chaque Élève: une responsabilité partagée. Pour favoriser la réussite scolaire: Réflexions et pratiques. CRIES, Quebec, Université Laval e CEQ, 1992.

exclusivamente femininos. Eles têm a impressão de que a escolaridade é coisa de meninas". Caouette se pergunta por que o primeiro ano da escolarização é chamado maternal em vez de "paternal". "Estando os homens quase ausentes do primário, os meninos ficam privados de modelos com os quais pudessem se identificar". Na revista *L'Actualité*, uma psiquiatra explica que diz-se a eles que são meninos, mas proíbem-lhes de agir como tal.

Esta apresentação reúne um número de afirmações que visam sustentar a tese de uma iniquidade social e escolar em relação aos meninos. Eles são descritos em termos de vítimas ou de "herdeiros culpados", mostrados como desmoralizados, desorientados e desanimados diante de um papel que não existe mais. Afirma-se até que são postos para fora do sistema escolar, onde prevalece um código de funcionamento feminino que favorece as meninas e acentua as dificuldades dos meninos. Eles ficam menos interessados pela escola e nela se aborrecem. Estão privados de modelos com que possam se identificar.

Sustentar que os meninos são "postos para fora" do sistema escolar constitui sem contestação um argumento de peso no discurso da usurpação. De acordo com a lógica interna desse discurso, a exclusão dos meninos provém da incompreensão ou da intolerância por parte da instituição feminilizada diante dos modos de expressão dos meninos e sobre os quais, no entanto, estes não teriam nenhum poder, já que se trata de determinantes biológicos. Como raciocínio visando suscitar a adesão, esse acréscimo não é de se desprezar.

### 3 O que é ser um menino ou os determinantes biológicos

Em *Le Devoir*, Caouette afirma que: "Há uma energia instintiva dos meninos que é reprimida na escola". Os argumentos invocados para explicar a fonte dessa "energia instintiva" remetem às diferenças de cérebro, hormônios e órgãos genitais entre meninos e meninas.

Segundo Caouette, o fraco desempenho dos meninos se explica por tipos diferentes de inteligência: "As meninas possuem uma inteligência verbal e abstrata superior que é mais solicitada nas avaliações. Enquanto que os garotos são mais fortes no nível das inteligências perceptiva, psicomotora e inventiva". Nas escolas alternativas de que ele é fundador, "os meninos têm o mesmo rendimento acadêmico que as meninas. Se a escola regular tolerasse mais as diferenças individuais", diz ele, "todas as crianças sairiam ganhando com isso".

O artigo de Ouimet<sup>12</sup> em *La Presse*, sobre as "habilidades mentais diferentes dos homens e das mulheres", cita uma neuro-psicóloga que afirma que **o cérebro tem sexo**, o que se traduz por uma melhor percepção do

---

<sup>12</sup> OUIMET, Michèle. L'École, c'est l'Affaire des Filles. *La Presse*, Montreal, 08/03/1994.

espaço e um sentido de observação nos rapazes e pela excelência "nas tarefas verbais" entre as mulheres.

Por seu lado, as professoras entrevistadas por *Vie Pédagogique*<sup>13</sup> confirmam o conjunto das observações: "Meninos e meninas nascem diferentes. Seus comportamentos decorrem de sua própria natureza. As meninas são menos agitadas que os meninos, mais cuidadas que eles, mais interessados pelos detalhes e pelo trabalho caprichado. Os meninos vêm ao mundo mais combativos e agressivos". E a revista conclui: "As professoras não sabem muito bem por quê, mas é assim". Um psicólogo confirma a Luce Brossard, autora do artigo, que realmente se trata de diferenças de natureza. Inspirando-se na pesquisa em neurobiologia sobre o desenvolvimento diferente do cérebro nos meninos e nas meninas, ele retoma o discurso sobre o desenvolvimento mais rápido das habilidades espaciais nos meninos, a partir do hemisfério direito, centro dessas habilidades, mais desenvolvido, enquanto nas meninas é o esquerdo, centro das habilidades lingüísticas. Sendo o cérebro dos meninos mais bilateralizado, eles têm maior dificuldade em levar em consideração vários elementos ao mesmo tempo, principalmente instruções verbais. Diz ele: "Para se interessar por alguma coisa, o menino tem mais necessidade de controlar seu meio ambiente mexendo-se, experimentando".

Munger, em *Le Devoir*, retoma o mesmo discurso: "Sabemos agora que os bebês femininos e masculinos reagem de maneiras diferentes a certos estímulos e isso antes mesmo que qualquer forma de socialização tenha podido ser feita. Sabemos também que os cérebros masculinos e femininos de qualquer idade e de qualquer meio utilizam de modos diferentes as informações que lhes provêm dos cinco sentidos, como é demonstrado pela reparição das áreas corticais neurofuncionais e pelo metabolismo mais elevado do cérebro masculino em repouso. Acrescente-se a isso o que Jean-Didier Vincent chama 'a sopa' neuro-hormonal na qual está mergulhado o sistema nervoso e cuja composição depende do sexo. Haveria então uma visão (utilização da informação sensorial) feminina e uma visão masculina do mundo, independentemente da cultura. De maneira mais profunda e mais durável que as atitudes psicossociais, elas orientam a maior parte de nossos interesses".

A passagem das definições biológicas para as "visões do mundo" sexuadas é feita sem a menor cerimônia.

A revista *L'Actualité* mostra o desenvolvimento hormonal diferente entre os machos e as fêmeas. Um psicólogo lembra que, "de modo geral, os machos da espécie humana são menos bem equipados e mais frágeis que as fêmeas. O sistema imunológico da mulher, por exemplo, é mais eficaz. Segundo ele, a menor persistência dos meninos e sua menor adaptabilidade... assim como sua maior agressividade e maior gosto pela competição se devem em grande parte a fatores biológicos".

<sup>13</sup> BROSSARD, Luce. Les Garçons on-ils des Chances Égales de Réussir à l'École? *Vie Pédagogique*. MEQ, Québec, setembro/outubro de 1992, p. 20-22.

O pedopsiquiatra citado pela revista pretende que a teoria do adquirido está sendo progressivamente abandonada em proveito da teoria do inato. Segundo ele, as diferenças de comportamento entre meninos e meninas se explicariam pela presença de órgãos genitais interiores ou exteriores, fonte de uma representação diferente do corpo e do espaço social. Observamos assim que “as brincadeiras dos garotos freqüentemente são mais exteriores, mais espaciais, enquanto as garotas têm brincadeiras dirigidas para espaços fechados... O mesmo fator pode influir na agressividade. O menino terá trocas mais ativas com o mundo exterior”.

Vemos assim aparecerem os fundamentos de uma ideologia de sexo na qual é a categoria “homem” que por sua vez se torna “biologicamente natural”.

Depois de lançarem a idéia de repressão da energia instintiva dos meninos, os especialistas sustentam que cérebros (hemisférios) e inteligência têm sexo. Entre os meninos, isso se traduz por uma melhor percepção do espaço, inteligência psicomotora e necessidade de controlar-se mexendo. Os defensores da diferenciação genital propõem compreender a representação do espaço social diferente entre os meninos (brincadeiras mais espaciais) pela presença de órgãos genitais exteriores. Acrescentam que o mesmo fator pode influir na agressividade. Na verdade, o que está em jogo nesse discurso sobre os meninos é a relação deles com o espaço (ou antes com o açãobarcamento do espaço), pois tanto uns como os outros reivindicam por sua vez essa dimensão. À relação com o espaço, ao controle das coisas e das pessoas, se acrescenta a reivindicação à expressão da agressividade nesse espaço percebido como “feminilizado”. Eis o que está oculto por trás desses desenvolvimentos da Ciência.

Mas quem foi então que desconstruiu a ideologia patriarcal que até então permitira aos meninos estabelecer essa relação com o espaço, as coisas e as pessoas, incluindo nisso o espaço escolar? As feministas. Vamos dar uma olhada nesse aspecto do discurso.

#### **4 A desqualificação dos modos de expressão masculina “instintiva” pelo feminismo**

Reprimir a agressividade “natural” dos meninos teria efeitos de inibição mal avaliados cujos riscos têm de ser assumidos. Em *L'Actualité*, uma pedopsiquiatra pensa que entre os meninos a agressividade deve ser expressa. Para a psiquiatra, o discurso sobre a violência praticada contra as mulheres tem efeitos “muito culpabilizantes”; só apresenta “as manifestações extremas e marginais” da violência, diz-nos ela.

Uma encarregada de creche entrevistada por *Vie Pédagogique* acha que suas intervenções para banir as brincadeiras de guerra não adiantaram; as crianças sempre voltam a elas “instintivamente”. Aliás, segundo ela, as crianças que têm mais problemas são aquelas que não brincam de guerra. A revista mete suas próprias críticas às feministas: “Ao acusar a violência,

atacando ao mesmo tempo a força e a agressividade masculina, as feministas confundiram tudo”.

A psiquiatra sustenta também que os programas de dessexização das aprendizagens e de luta contra os estereótipos tiveram graves consequências sobre os meninos: “Os estereótipos seriam essenciais para o desenvolvimento da criança. Meninos e meninas vão utilizá-los naturalmente e os pais, inconscientemente, vão projetá-los. E está muito bem assim... há uma parte de masculino e uma de feminino em cada criança, e ela tem necessidade de estereótipos caricaturais para se encontrar neles”. Ela não diz de onde viria essa necessidade.

Em *La Presse*, Robert Bisaillon prevê uma revanche: “Tenho medo de uma viravolta, diz ele. Os homens sempre tiveram o **poder** e, então, são as mulheres que vão conseguir os bons lugares e elas vão tê-los na base de seus esforços. Os homens poderiam reagir com **violência**. Se o êxito ficar associado às mulheres e o fracasso aos homens, teremos uma sociedade partida em duas e isso não é desejável”. O texto de I. Paré retoma a noção de “desorientação masculina que poderia custar caro à sociedade”. “A ascensão vertical das moças no sistema pós-secundário é fulgurante, mas está acompanhada por uma derrapagem escolar masculina que poderia **custar** caro. É toda a sociedade que corre o risco de sofrer com um desequilíbrio com que sofreu por muito tempo. Uma sociedade não pode se permitir um desequilíbrio desses no desenvolvimento de seus recursos humanos”. Vários séculos de história são esquecidos.

O secretário geral do Serviço Regional de admissões ao colegial, por seu lado, acha que “os homens que vão viver no próximo milênio não terão a formação necessária para ganhar bem a vida. Os homens e as mulheres dessa geração não estarão sintonizados igual. Isso pode se tornar um problema social”.

Louis Lafrance faz uma repremenda aos pesquisadores que, nesses últimos vinte anos, só se preocuparam com “a luta contra a discriminação feita contra as meninas”. Cita uma obra de Claudio Solar que propõe soluções para lutar contra o sexismo na sala de aula. Enfrenta-a quando ela escreve que as manifestações sutis de discriminação corrompem a confiança em si das meninas e comprometem suas chances de êxito, opondo a isso os dados sobre o acesso das moças à universidade e seus melhores desempenhos escolares.

Em sua resposta a Louis Lafrance, D. Veillette<sup>14</sup> indica que “as diferenças de desempenho escolar se originam mais do processo de aprendizagem social, que faz com que as meninas aprendam melhor a se adaptar às exigências de seu meio (...) enquanto que os meninos tentam dominar esse meio”. Veillette explica que “são os jovens que se identificam com os modelos menos sexistas e desenvolvem mais características andróginas os que têm mais êxito na escola. Portanto, quanto mais se fizerem ações ‘dessexizantes’,

<sup>14</sup> VEILLETTE, D., op. cit..

mais aumentam as chances de êxito para meninos e meninas". O jornal *Le Devoir* lhe opõe um trecho de *XY*<sup>15</sup> a respeito da "necessidade vital de diferenciação". O fenômeno da diferenciação seria um "dado elementar da consciência identitária da criança. Negá-lo seria correr o risco da confusão sexual que nunca foi propícia à paz entre homens e mulheres".

Finalmente, o sexólogo Placide Munger aconselha a aquelas e aqueles que explicam as diferenças de desempenho e perseverança escolares entre meninos e meninas por uma "divisão sócio-sexual" que "desistam". Essas pessoas diagnosticam com "ferramentas ultrapassadas" e recusam se ver envelhecer, pretendendo que suas concepções das relações homens/mulheres continuem a se aplicar, para isso chegando até à operação plástica das definições".

Munger escreve ainda: "Ser uma moça no Canadá aumenta em perto de 25% as chances de conseguir um desempenho universitário. O que não existiria se já no primário e no secundário as regras do jogo não favorecessem o sexo feminino. Será isso uma forma de **discriminação** sistêmica, no sentido em que entende a Comissão dos Direitos da Pessoa de Quebec?" Além de ser anti-feminista, essa idéia nos lembra, como dizia Colette Guillaumin, nossa definição social, a de ser mulher antes de mais nada. Sua abordagem oculta completamente os esforços das moças para atingir esse desempenho escolar.

Último elemento tirado do texto de Munger: as transformações econômicas que modificaram a estrutura do emprego e tiveram uma incidência na escolarização. Segundo ele, são as formas de aprendizado ligadas aos empregos do setor de serviços que impregnaram o mundo escolar. E, "nesse contexto, qual é o grupo que largou com as **pré-aptidões** mais concordantes?", pergunta-nos ele. "O feminino, claro, tradicionalmente orientado para esse setor e ocupando majoritariamente suas turmas preparatórias. Então, foram também as teorias de natureza a promover os comportamentos correspondentes e as **atitudes de 'serviços'** - no sentido econômico - e já não mais as de 'manufaturários' ou 'primários' que nos pareceram as mais portadoras de evolução social e escolar". O que Munger nos mostra assim, com seu discurso sobre as "pré-aptidões femininas" concordantes com os empregos de serviços, é, por um lado, que o servilismo está inscrito na natureza das mulheres e que, por outro lado, considerando o que se disse, o êxito escolar delas é de certo modo fraudulento. A abordagem dele nos lembra muitíssimo os discursos sobre a mulher "sedutora", manipuladora de homens. *L'Actualité*, em "Piedade para os Meninos: uma Geração Castrada", traz-nos de volta o mito da castradora. Em ambos os casos, trata-se de mulheres que se apropriam indebitamente de um bem a que não teriam acesso. É realmente da transgressão de um interdito que se trata nesta ideologia.

---

<sup>15</sup> BADINTER, Élisabeth. *Le Besoin Vital de Différenciation* (trechos de *XY*). *Le Devoir*, Montreal, 02, 03/04/1994

Vimos como a ideologia legitima representações relativas à manutenção da ordem sócio-política e sua utilização política para lutar contra o feminismo. O discurso, parece-me, carrega uma surda ameaça: discriminação, efeitos de inibição cujos riscos têm de ser assumidos, discursos (a respeito da violência) culpabilizantes para os homens, perda de poder, reações de violência, revanche, efeito de viravolta, desequilíbrio, problema social.

Também se dirigem às feministas, como mulheres (categoria social de sexo), quando é lembrado que elas recusam se ver envelhecer. Aconselham-nos a “desistir” (frase clássica, se tal existe, nas relações de força) com nossas “ferramentas ultrapassadas” para diagnosticar as relações homens/mulheres. E, já que há uma recusa do envelhecimento, lembram-nos também, e isso é um retorno a nossa definição social, para não esquecermos das operações plásticas de nossas definições. Uma vez lembrado qual é nosso lugar, que ações são propostas para corrigir a situação dos meninos na escola?

### As ações propostas

O relatório do Conselho Superior de Educação é acompanhado por uma série de recomendações destinadas a remediar a “desorientação masculina”. O Conselho insta com os estabelecimentos escolares para que tomem medidas “para valorizar a atitude educativa junto aos rapazes e aos homens” e “implantar medidas de apoio e acompanhamento” para favorecer sua perseverança no estudo.

Em *Le Devoir*, Caouette julga que “uma mudança de valores se impõe” e que se deveria reestruturar a escola a fim de que “ela respeite mais as peculiaridades e os interesses dos meninos”. “Será preciso variar as abordagens e dar aos meninos a possibilidade de aprender da maneira que os motiva e incentiva mais...”, diz-nos a revista *L'Actualité*. As professoras entrevistadas por *Vie Pédagogique* pensam que se teria que voltar a dar lugar à “sã competição” sob a forma de jogos, em matemática, por exemplo.

Segundo Caouette, os homens vão se tornar cada vez mais raros na universidade. Ele receia que nos “encontremos com um **superávit desproporcionalado** de moças nas profissões”. “Há uns dez anos, várias mulheres exigiam ser tratadas por médicas. Se a tendência se mantiver, daqui a pouco serão os homens que reivindicarão o direito de ser tratados por um médico de seu sexo. Se não houver mudança, eu serei favorável à instauração de **cotas**, diz ele. Seriam escolhidos os 50 melhores rapazes e as 50 melhores moças”. O jornalista Louis Lafrance conclui: “Será que chegaremos a ver os homens exigirem, por sua vez, programas de **discriminação positiva**?“

Em *La Presse*, Fernand Boucher, da Universidade de Montreal, pergunta se “não deveríamos adotar uma **regra proporcional** a fim de restabelecer o equilíbrio” no acesso dos rapazes à universidade. O jornalista termina se perguntando se não seria preciso adotar um **programa de acesso à igualdade** para os homens.

Não se pode deixar de constatar nas soluções propostas a repetição de nossos argumentos e meios de intervenção: discriminação positiva, reivindicação do direito de ser tratado por um profissional de seu próprio sexo, programa de acesso à igualdade. Atacam-se as feministas com os argumentos das feministas, como se tudo fosse igual por outros aspectos. Das soluções projetadas se destacam outros pontos de grande importância para o futuro das mulheres no mundo da educação: a questão das cotas e a regra proporcional deixam prever uma reorientação na qual seria errôneo pensar que os homens aspirem unicamente à eqüidade.

## Conclusão

Em meu trabalho eu quis ilustrar a utilização política (ao mesmo tempo que epistemológica) de uma ideologia como a do discurso da usurpação.

Numa primeira etapa, mostrei que ela repousa sobre uma representação na qual as meninas teriam se aproveitado indevidamente da situação.

Numa segunda etapa, expliquei uma pretensa injustiça da sociedade e do sistema escolar em relação aos meninos.

Em seguida, reuni os elementos do discurso que fundamentam a crença de uma determinação biológica da identidade masculina. Mostrei que, fundamentalmente, ela oculta uma luta pela relação com o espaço social e escolar, com o controle das coisas e pessoas, inclusive com agressividade. Não é preciso lembrar que o mais importante não é a veracidade da ideologia, porém suas capacidades mobilizadoras.

Numa quarta seção, evidenciei a utilização política da ideologia, acentuando as condenações, as críticas ou as ameaças dirigidas às feministas por terem desconstruído a ideologia que havia permitido aquela relação. Sustento também que levar-nos de volta a nossa definição primeira de "ser mulher" não é fruto do acaso.

Finalmente observei, quando da análise das soluções propostas, que nossos próprios argumentos nos são opostos para que nos calemos, e enfatizei os pontos importantes para o futuro das mulheres no mundo da educação.

A razão de ser dessa ideologia é sua utilidade social no seio das relações de poder que prevalecem também no mundo da educação. O acesso ao estudo superior é um ponto de disputa que os intelectuais do sexo masculino compreenderam bastante rápido. O discurso da usurpação se sobrepõe à posição política deles: a relação ilegítima das mulheres com o saber. Trata-se mesmo de transgressão, como diria Nicole Mosconi. O acesso das mulheres à educação ainda vá, enquanto os rapazes continuarem a ter o papel preponderante nisso. Os intelectuais da Educação, apoiados nos referentes ideológicos construídos por seus cúmplices da Psicologia e da Psicanálise, elaboraram um discurso masculinista que lembra às mulheres sua responsabilidade: educar os outros, conservando os valores masculinos, não

se educar demais, menos ainda ultrapassar os rapazes e principalmente não ter pretensão ao discurso social.

Assim, quando se pretende falar pelos rapazes em termos gerais e universais, é também dos intelectuais e de sua relação com o Saber que se trata. Embora apresentada em nome da Ciência (o biológico) ou da Razão (a usurpação), é na existência da relação intelectual de forças que a exclusão das mulheres é praticada em primeiro lugar<sup>16</sup>.

O abandono escolar dos meninos é um fenômeno que data de antes da democratização do ensino. As teorias da reprodução social mostraram muito bem como a escola e suas elites, visando a seleção social, pouco se preocupavam com os filhos de operários. Ainda hoje está bem definido que são as crianças das camadas sociais mais modestas que têm mais dificuldades escolares, ou seja, isso também entre os meninos. De onde vem esse novo interesse dos intelectuais? Não são nem os dirigentes das grandes empresas nem os porta-vozes dos desempregados que se pronunciam. O que significa? Considerando o anti-feminismo declarado desse discurso, parece-me que o que essa ideologia primeiro tem em vista é contestar a legitimidade das mulheres em aceder ao Saber, a sua definição e a seus lugares; a segunda é dar uma base para o direito dos meninos de açoitar o espaço social e escolar e nele se mexer sem seguir as regras do jogo que eles mesmos conceberam, mas certamente para as mulheres.

---

<sup>16</sup> BRAUD, P., op. cit..

